



Na "Carruagem" d

Hambúrgueres especiais, boa música, conforto, bom serviço e amigos fora de horas. Que mais se lev quem desafiámos a contar as suas "memórias" de um dos ícones deste Cascais à beira-mar. E já lá vã

● Não é pelo "hamburger especial" que mata aquele ataque de fome que nos tira de casa às tantas da manhã, pela óptima música, pelos video-clips que se vêem nas carruagens, pela frequência civilizada de todas as idades, pelas pipocas e pela imperial bem tirada, por encontrar sempre algum amigo, ou algum dos meus filhos, ou ambos, nem pela transmissão dos melhores jogos de futebol, nem pelo serviço sempre simpático e jovial. Não é por nada disso que continuo a ir à Carruagem - nós, os da geração com quem cresci em Cascais, nunca lhe chamámos Trem Velho. Era, e é, a Carruagem. Ainda lá vou, hoje, porque ir à Carruagem é ir a um sítio em que me conhecem e no qual me tratam bem. Em que as coisas continuam a ser exactamente como eram e em que continuo, sem idade, a ser apenas a Inês.

Começou tudo com três amigos.

Trabalhavam no Palm Beach, então um dos sítios *in* de Cascais. Em 1973 o Henrique, o Manuel (que eram irmãos) e o Pedro decidiram arriscar e abrir o seu próprio negócio a poucos metros do local de trabalho, junto à estação de comboios de Cascais, na alameda sobre a praia. Compraram uma antiga carruagem de um comboio e chamaram-lhe "Trem Velho". Mas a velha carruagem nunca se deu bem com o nome, e viu gerações sucederem-se a chamar-lhe exactamente o mesmo nome: "Carruagem".

O nosso primeiro bar

Voltando aos três sócios, cada um detinha 33 por cento da sociedade. Quando arrancaram com o bar, o Henrique foi trabalhar para lá e, prudentemente, o Manuel e o Pedro mantiveram-se no Palm Beach. A coisa correu tão bem que um ano depois, por alturas

da revolução, estavam os três sócios a comprar a segunda carruagem de comboio, que atrelaram à primeira. E o Manuel e o Pedro largaram o emprego para se dedicarem também eles a tempo inteiro à Carruagem. E era mesmo inteiro, o tempo, que já então o bar abria todos os dias e só encerrava a porta de correr às 3h30 da manhã.

Foi o meu primeiro bar. O meu não, o nosso primeiro bar. Nosso, daquela geração que a revolução apanhou no início da adolescência, cedo demais para grandes militâncias políticas, que vagueavam pelas ruas de Cascais, sem muito para fazer, naqueles tempos em que os picas já não usavam farda. Mas os meninos do colégio inglês usavam. E também lá iam, antigamente, à Carruagem. Um deles era o Bryan Adams. Gostava de me lembrar dele distintamente. Mas recordo-o apenas como mais um naquele conjunto de

meninos de calças de flanela cinzenta que uma vez por semana diziam graças e bebiam demais.

Clientes e empregados

O Henrique, que era grande e forte e usava um farto bigode preto, o seu irmão Manel, magríssimo, com um bigode também farto, e o Pedro, tão negro quanto simpático, que tantas vezes nos aturaram copos, desgostos e conversas. Os três sócios conseguiram deixar criar na Carruagem um ambiente diferente, que só ela tinha - e, diga-se, continua a ter. Escrevo deixar criar porque tenho a certeza de que eles sabiam que eram os seus clientes que ajudavam a moldar o ambiente de que era feita a Carruagem.

Por isso mesmo, no início dos anos 80 passaram a contratar os miúdos que eram os seus clientes naturais para trabalharem ao fim-de-semana



RUI DIAS

lo tempo

a da vida? A pergunta de **Inês Serra Lopes**, a
trinta e seis anos...



Maio de 1973: a publicação da escritura do "Trem Velho" no já desaparecido jornal "A Nossa Terra"

na Carruagem. Por lá passaram o Frederico Arouca, o Manuel Luís Vanhoff Ribeiro, o Miguel Queirós, os Vaz Pinto, o Jó, o Cajó, entre uma quantidade de amigos e conhecidos que não consigo enumerar. Sábida medida, que fazia com que os próprios empregados, filhos das boas famílias de Cascais, frequentassem o bar nos dias em que estavam de folga e com que os amigos se lhes juntassem no final da semana, quando trabalhavam. Os empregados eram nossos amigos. Já não sei se eram amigos por trabalharem lá, se trabalhavam lá por serem todos amigos. A verdade é que o Pedro, o Bibas, o Fred, o Manel, o Cajó, o Miguel, todos eles foram empregados e clientes da Carruagem. Aliás, só distinguíamos quem estava a trabalhar pela t-shirt preta a dizer Trem Velho.

A festa dos 15 anos da Carruagem,

perdão do Trem Velho, foi uma daquelas coisas que não se esquecem. As listas das bebidas voltaram a ser os pequeninos cartões azulados e o vodka tónico, por exemplo naquela noite dos final dos anos 80, voltou a custar 3\$00. O Pimms, que era no início uma das marcas da Carruagem custava 5\$00 e a caneca 25 tostões. A festa durou até de manhã. Divertimo-nos como quinze anos antes. Apenas os amigos do rugby não andaram à pancada e a noite não acabou numa partida de lerpa em casa de um dos presentes. A dor de cabeça que se lhe seguiu durou um bocado mais.

Fazendo associações simples com a palavra Carruagem, teríamos os resultados mais díspares. Arrisco fazer a dita associação por alguns da minha geração de meninos de Cascais. Para o Bibas, a Carruagem eram os amigos. Para o Manuel Luís, as grandes competições de futebol em directo. Para o Zé Sequeira era uns copos (mas isso, copos, era para todos nós), para a Ninú e a Sofia, era a conversa. Para muitos era o rugby. Para os Bittón era não apenas um, mas dois "especiais" (para cada). A coisa continua. E hoje, para a minha filha Rita, que já é cliente, a Carruagem é música.

Um dos segredos da Carruagem tem sido realmente a música. Embora se contém pelos dedos das mãos as vezes em que consegui reconhecer as músicas que tocam na Carruagem. Nada de "demasiado alternativo" (se isso existe) mas também não suficientemente comercial para ser fácil de reconhecer. E sempre música nova. Sem arriscar muito, é geralmente rock, agora que espécie de rock, não me perguntem por favor.

A hora dos nossos filhos

O Manel explica que desde o início, dois ou três amigos que trabalhavam na TAP traziam a música de Londres e de Nova Iorque - o que explica que eu normalmente não a conhecesse. Mas não era apenas a música dos CD e DVD que foram de alto a baixo as paredes do closet em frente da porta do bar. O mesmo armário que há mais de trinta anos guardava centenas (milhares?) de cassetes. A tradição reforçou-se com a montagem da antena parabólica, uma das primeiras de Cascais, que transmitia a MTV e outros canais de música, bem como as competições internacionais de futebol e de rugby.

Na Carruagem fizeram-se namoros, casamentos e divórcios. Lá crescemos e aprendemos. Lá se apanhamos as maiores bebedeiras, se tiveram as melhores conversas, as piores discussões, lá nos caíram as lágrimas mais sinceras. Lá passaram as nossas maiores ressacas. E, sobretudo, vinte ou trinta anos depois, lá levamos os nossos filhos, hoje.

Paxi Canto Moniz



Olhares

Mãe

Com três letrinhas apenas se escreve a palavra mãe. Até pode ser pirosa, esta frase que se usa para tudo. E porquê 3 letras?

A palavra mãe nunca se deveria contabilizar quando enumeram as três letras, a meu ver é muito redutor para uma pequena palavra tão grande, assim como a minha mãe.

Deixemos de a contabilizar e imaginar quantas letras teriam que existir para decifrar a palavra mãe, com certeza seria um nome sem fim, que nada ajudaria a palrar esta nossa primeira palavra quando aprendemos a falar. Teriam que inventar novos formatos de papel para a poder descrever.

Os dias teriam que ter mais horas para a poder desenhar.

A palavra mãe é infinita é interminável é imensa é enorme é eterna e imortalizada. Por vezes escrever sobre a mãe torna-se um obstáculo, por mais brilhantes que sejam poetas escritores ou amadores, por mais bonitos que sejam as grandes obras escritas são mínimas comparadas com o que é ser mãe.

Não tem vocabulário, não tem explicação! Por mais que eu tente, fica muito por dizer.

O que é ser mãe? É só alguém que nos cuida? Que nos educa? Que nos acompanha? Que nos aconselha? Que nos ajuda? Que se sacrificam por nos? Não, a mãe é muito mais que isso; mãe vive dentro de nos, mesmo depois de termos vindos de dentro dela. A alegria da minha mãe é a minha alegria.

A tristeza da minha mãe é a minha tristeza. É o meu porto de abrigo, meu pronto-socorro. É quem pinta e troca de cor a minha tristeza. É quem me sinaliza a minha da direcção. É quem percebe meus momentos de confusão.

A minha mãe é o meu chão.

É o cobertor da minha vida.

É a engenharia do meu coração.

É quem me faz renascer para a vida mil e duas vezes.

Existe melhor conforto de que uma festinha na nossa cabeça, com mão de mãe?!

Pois não há papel nem quantidade letras para tentar explicar, por isso talvez começo por perceber porque tanto se usa a tal frase pirosa que com 3 letras apenas se escreve a palavra mãe.

paxi40@gmail.com